

**O ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL DE BAURU: O USO DE FONTES  
IMAGÉTICAS E ORAIS NA SALA DE AULA**

Autor(es): Laís Prestes Redondo; Marco Antônio de Moraes Júnior; Rodrigo Galo Quintino<sup>1</sup>;  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lourdes M. G. Conde Feitosa; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia dos Santos Arielo<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando(as) em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO.

<sup>2</sup> Professoras coordenadoras do projeto História do Programa Residência Pedagógica. Centro de Ciências Humanas do Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo discutir as experiências da utilização de novas metodologias e fontes primárias para o ensino de história no ensino médio, de modo que, concomitantemente ao ensino curricular, os alunos refletissem sobre a história de Bauru. O trabalho foi realizado com alunos do 2º e 3º ano da E.E. “Dr. Luiz Zuiani que desenvolveram, por meio de aprofundamento teórico sobre fontes históricas, a análise de fontes imagéticas e orais (por meio de entrevista estruturada) em sala de aula realizada pelos discentes e mediada pelos professores residentes. Essas análises produzidas pelos estudantes foram compiladas num livreto sobre a história de Bauru, destacando a importância da História Local no processo de ensino-aprendizagem de História no ensino básico.

**Palavras-chave:** História de Bauru; Residência Pedagógica; Fontes imagéticas; Entrevistas.

**INTRODUÇÃO**

A disciplina de História nas escolas ainda permeia um ensino voltado para o vestibular sem qualquer articulação a vida cotidiana dos discentes (PINSKY; PINSKY, 2016). Segundo José Barros (2017, p. 08), as escolas moldam o aluno para determinada prova “e não para conscientizar sobre a história ou sobre as raízes sociais, culturais e políticas do mundo em que se vive”. Nesse sentido, o ensino de História precisa começar a ser revisto, uma vez que mais do que datas e fatos, a História é aquela que deve promover a construção da identidade do aluno, de suas raízes históricas e do meio em que ele vive.

Diante disso, o projeto História do Programa de Residência Pedagógica na E. E. “Dr. Luiz Zuiani” buscou articular o ensino da História Local da cidade de Bauru a partir do uso de fontes imagéticas e de entrevistas realizadas pelos alunos do 3º ano C e 2º ano D. Esse tipo de abordagem permite que os alunos reconheçam uma História mais significativa à suas realidades, além de inseri-los como sujeitos ativos na produção do saber histórico da cidade, por meio do manejo e análise de fontes imagéticas e de entrevistas feitas com os próprios familiares.

Ao final do projeto, houve a escrita de um livro “As diferentes “FAMÍLIAS”: o público e privado na História de Bauru e região a partir das fontes imagéticas”, em que foram compiladas as atividades dos discentes com as análises das fontes imagéticas e das entrevistas realizadas em grupos.

## **METODOLOGIA**

Como metodologia para desenvolvimento do projeto, foram realizadas aulas expositivas e dialogadas dos assuntos propostos e metodologias ativas com a utilização de recursos audiovisuais. Fora proposto para os alunos a realização de análise de imagens sobre as relações entre público e privado e as diferentes concepções históricas de “família” na cidade de Bauru ao longo do séc. XX, as quais foram retiradas dos acervos do Núcleo de Pesquisa e História (NUPHIS), do CODEPAC, do site Projeto Museu Ferroviário e de referências bibliográficas.

Além das fontes imagéticas, os alunos utilizaram-se da oralidade a partir da realização de entrevistas com familiares ou conhecidos mais velhos. As questões, elaboradas com os alunos em aula, abordaram temas sobre a cidade de Bauru, a ferrovia, as questões a respeito de violência, educação, cultura e lazer. Os alunos, em suas análises, foram estimulados a reflexão crítica sobre as fontes imagéticas e as respostas das entrevistas, articulando com suas realidades socioculturais. Ao final foi confeccionado um livro com as análises realizadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Entende-se que História local é algo que vai além de um espaço geográfico delimitado. Ao trabalhar com o ensino de História local é necessário compreender que os espaços se entrecruzam em suas próprias estruturas sociais, relacionais, de periodização (MARTINS, 2009; MATTOSO, 1988). Assim, ao abordar o estudo da História de Bauru na sala de aula buscou-se romper com aquela visão positivista de “grandes” personagens tidos como “pais fundadores”. Para isso, ao longo do projeto foram selecionadas temáticas sobre os diferentes tipos “familiares” e as relações público e privado que compuseram a construção histórica da cidade a partir da análise de fontes imagéticas. Considerou-se as múltiplas etnias indígenas que habitavam a região e suas organizações “familiares”, o contato com o “homem branco”, a vinda de famílias imigrantes e a formação de famílias rancheiras no século XIX e XX.

Todavia, trabalhar com a História local não significa menosprezar a História global. Para Saviani (2013), o desenvolvimento de projetos educativos não implica renegar a apropriação de conteúdos globais. Nenhuma pesquisa nasce espontaneamente, pois deve partir de saberes apreendidos prévios. Ou seja, trabalhar uma História Local desarticulada do geral se torna um fragmento vazio, assim, como a História geral sem revelar as particularidades, são apenas abstrações, e sem qualquer vínculo concreto com o cotidiano do aluno (NEVES, 1997).

Ao considerar isso, antes do início das análises das fontes imagéticas pelos discentes, foi abordado e explicado pelos professores residentes o processo histórico da cidade articulando com os conteúdos curriculares obrigatórios. Por exemplo, no terceiro ano foram trabalhadas a era das revoluções burguesas e industriais que influenciaram na construção da ideia de “família burguesa e proletariada” ao longo do século XX e as especificidades que

assumiam as relações de público e privado e dos tipos “familiares” no desenvolvimento da História bauruense. No segundo ano, considerou-se as bases curriculares que propõem o estudo do período de colonização portuguesa e os primeiros contatos com os povos indígenas. Assim, relacionado à temática, discutiu-se com os alunos as organizações culturais e “familiares” que se davam entre os povos de etnia *kaingang* e guarani na região de Bauru, bem como o processo de aldeamento e de embates com os primeiros fazendeiros e colonos ao final do século XIX. Isso promove a desconstrução de estereótipos e generalizações que permeiam os alunos acerca dos povos indígenas.

Assim, após essas discussões em sala e da compreensão de como a ideia de “família” e das relações público e privado variaram de contextos históricos, foram iniciadas análises em grupos de fontes imagéticas selecionadas pelos professores. Tais fontes apresentam imagens sobre os povos indígenas “aldeados” e a disposição de suas “ocas”, sobre as famílias rancheiras nos primeiros anos do século XX, sobre documentos de batismos e inventários de fazendeiros na região de Bauru, fotos de imigrantes europeus e imagens da disposição arquitetônica de casas e edifícios em Bauru que permitem compreender a ideia de público e privado e a influência do entroncamento ferroviário nas relações sociais da cidade.

Imagem 1: Alunos do 3º e 2º ano durante a análise das fontes imagéticas



Fonte: Elaborada pelos autores

Observou-se que utilizar fontes imagéticas na sala de aula estimula os alunos a construir outras visões e leituras sobre as múltiplas concepções de família e da dinâmica das relações sociais no desenvolvimento histórico da cidade, que descontroem o mito dos “pais fundadores”. Todavia, há a necessidade que essas fontes sejam analisadas em conjunto à mediação do professor, pois a proposta não é a formação de pequenos historiadores, mas que os discentes se vejam como sujeitos e produtores do saber histórico e entendam que o conhecimento histórico está sempre em construção (BEZERRA, 2016; AMORIM; SILVA, 2016).

Segundo Lima e Carvalho (2015), o surgimento da fotografia é fruto da modernidade como forma de registro administrativo, político e para fins de memória histórica e familiar. Isso é perceptível nas imagens sobre os processos de aldeamento dos povos indígenas, de fotografias das ruas, casas e estabelecimentos públicos e comerciais, de famílias imigrantes e rancheiras nos anos iniciais do século XX. Nota-se que a imagem é também um texto a ser discutido, interpretado e não algo meramente ilustrativo (AMORIM; SILVA, 2016). Assim, abaixo seguem duas fontes iconográficas e duas análises realizadas pelos discentes que compreenderam como as relações sociais e familiares são categorias históricas que variam não apenas no tempo, mas entre culturas e classes sociais.

Na imagem 2, os alunos escreveram: "Nesta casa evidencia-se que não havia uma divisão certa em cômodos e nem faz jus a ideia de público e privado pelo fato de apresentar muitas pessoas convivendo num mesmo espaço. Ademais, é possível notar que a simplicidade da casa, feita de pau-a-pique e por ser um dos últimos ranchos da região de Bauru." Na terceira imagem, os discentes observaram o período ferroviário na cidade e concluíram que:

“Por ser a residência de um diretor da Estrada de Ferro que possuía uma boa condição de vida social e de classe elevada, sua residência demonstrava uma certa separação de público e privado e representação de superioridade se comparado a casa de pessoas de classes mais baixas que sempre tinham janelas das casas voltadas à rua e com ausência de muros e portões”

Imagem 02: Rancho de Sr. Joaquim e família na região de Bauru, início do século XX.



Fonte: Apresentação “Boca do Sertão” por Luís Paulo Domingues.

Imagem 03: Casa do Diretor-Superintendente da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.



Fonte: <[http://sites.bauru.sp.gov.br/codepac/bem\\_detalhes.aspx?id=35](http://sites.bauru.sp.gov.br/codepac/bem_detalhes.aspx?id=35)>. Acesso em 03 jun, 2019.

Mas, além do uso de imagens na sala de aula, no segundo semestre de 2019, foi desenvolvida a montagem de entrevistas a serem realizadas pelos discentes com as pessoas mais velhas da família. Isso possibilitou que o aluno não apenas se sentisse como sujeito histórico, como permitiu ampliar e considerar as diferentes visões sobre a história bauruense, posto que a prática das entrevistas busca vozes de camadas populares no processo da escrita da História (ALBERTI, 2014, p. 157).

Assim, houve a discussão com os discentes de como funciona a confecção de uma entrevista e como coletá-la. Posteriormente, foram feitas a compilação de dez perguntas que eles indicaram. Elas compunham, por exemplo, assuntos relacionados a história da cidade, de como era o lazer antigamente, quais eram as diferenças entre público e privado, qual foi importância da ferrovia para o entrevistado, quais as repercussões da ditadura militar na cidade, se existia assédio sexual, sobre como era a escola e saúde na cidade e sobre a disponibilidade de empregos. Em cada turma, os grupos se dividiram entre 6/7 alunos e realizaram as entrevistas. Sobre os entrevistados, eles variaram entre 50-80 anos de idade e assinaram um documento permitindo a entrevista.

Todavia, quando se trabalha com essa prática de coleta de informações, deve-se ir além da mera transcrição das respostas (RUBIM, 2016). Para isso, em grupos, os alunos, mediados pelos professores, realizaram pequenos textos do que acharam mais importante após as entrevistas e teceram breves análises críticas. Contudo, há ciência de que as entrevistas não buscaram construir algo definitivo de oralidade devido ao tempo restrito da coleta das entrevistas e que não era objetivo formar pequenos historiadores, mas que eles tivessem contato com outras concepções acerca do passado da cidade, bem como as modificações com a atualidade. Por exemplo, em muitas questões sobre a existência do assédio na cidade antigamente, os alunos concluíram que “Na questão do assédio contra mulheres, parece que era pouco, que quase não existia, mas na verdade era também um pouco escondido, pois existia sim assédio, mas deixavam em sigilo devido a moral familiar”. Nas questões sobre a importância da ferrovia, um grupo aponta como esse meio de locomoção, para além de transportar pessoas e alimentos, servia como redes de sociabilidade ao concluir pela entrevista que “era muito comum ver várias classes sociais diferentes juntas”. Por fim, as entrevistas permitiram que alguns grupos socializassem sobre entrevistados que haviam vivido em roças

e devido a inacessibilidade de médicos, as famílias em sítios desenvolviam “jeito fazendo remédios caseiros, com parteiras e por sua crença”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O subprojeto História do programa Residência pedagógica se mostrou de grande relevância para a construção de uma perspectiva crítica sobre a realidade nos alunos do Ensino Médio. A utilização de fontes diversas no ensino de história, conforme destacado anteriormente, revela a dinâmica da produção do conhecimento histórico: plural, composto por todas as classes sociais e diferenças culturais. Tal dinâmica contribui para que os alunos contemplados ampliem suas visões de mundo, enxergando diferentes perspectivas acerca do conhecimento histórico e social. Os resultados obtidos foram inclusos no livro organizado pelos professores residentes e de autoria dos alunos do segundo e terceiro anos do Ensino Médio da E. E. Dr. Luiz Zuiani.

## REFERÊNCIAS

AMORIN, R. M; SILVA, C. G.. O uso das imagens no ensino de História: reflexão sobre o uso e a interpretação das imagens dos povos indígenas. **Hist. & Ens.**, v. 22, n. 2, p. 165- 187, 2016.

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes Históricas**. 2.<sup>a</sup> ed. 1.<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

BARROS, J.A. **Teoria e Formação do historiador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BEZERRA, H. G. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, L. (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6<sup>o</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CODEPAC – Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru. **Prefeitura Municipal de Bauru**, 2019. Disponível em: <[www.codepac.com.br](http://www.codepac.com.br)>. Acesso em 01 mar. 2019.

DOMINGUES, L. P. **Boca do Sertão – a História de Piratininga na Marcha do Café**. São Paulo: Editora Universo Elegante, 2015.

LIMA, S. F. CARVALHO, V. C. C. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In.: PINSKY, C. B. LUCA, T. R. **O historiador e suas fontes**. 1<sup>o</sup> ed., 4<sup>o</sup> reimp. São Paulo: Contexto, 2015, p. 29-60.

MARTINS, M. L. História Regional. In: PINSKY, C.B. (org.) **Novos temas nas aulas de História**. 1<sup>o</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 135-152.

MATTOSO, J. A História Regional e Local. In: MATTOSO, J. **A Escrita da História: teoria e métodos**. Lisboa: Imprensa Universitária, 1988.



NEVES, J. História Local e construção da identidade social. João Pessoa, PB: **Saeculum**, jan.- dez., 1997.

**NUPHIS – Núcleo de Pesquisa e História.** Bauru, SP: Centro Universitário Sagrado Coração, 2019.

PINSKY, J. PINSKY, C. B. Por uma História prazerosa e consequente. In.: KARNAL, L. (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 6º ed. São Paulo: Contexto, 2016.

POSSAS, L. M. V. **Mulheres, trens e trilhos.** Bauru, SP: EDUSC, 2011.

**PROJETO Museu Ferroviário Regional de Bauru.** 2017-2019. Disponível em: <<http://www.projetomuseuferroviario.com.br>>. Acesso em 01 mar. 2019.

RUBIM, R. História oral e ensino de História: uma experiência escolar em torno de memórias e narrativas. **XI Encontro Regional Sudeste de História oral.** Niterói, RJ: UFF, 08-10, jul. 2016.

SAVIANI, D. Escola e democracia: para além da “teoria da curvatura da vara”. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 227-239, dez. 2013.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecimento à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo fomento ao programa de Residência Pedagógica. Ao Centro Universitário do Sagrado Coração e às professoras Dr.<sup>a</sup> Lourdes Conde Feitosa e Dr.<sup>a</sup> Flávia dos Santos Arielo pelo incentivo em nosso crescimento na docência. E agradecimento especial à Escola Estadual “Doutor Luiz Zuiani” e à professora preceptora Juliana Walkiria de Oliveira pela recepção do projeto.